

CLAUDE LÉVI-STRAUSS

# A outra face da Lua

*Escritos sobre o Japão*

*Prefácio*

Junzo Kawada

*Tradução*

Rosa Freire d'Aguiar



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Éditions du Seuil  
Coleção La Librairie du XXI<sup>e</sup> Siècle, sob a direção de Maurice Olender.

*O editor Maurice Olender agradece a Monique Lévi-Strauss, que acompanhou com idêntica atenção e generosidade cada etapa da publicação deste volume.*

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

L'Autre Face de la lune — Écrits sur le Japon

*Capa*

Victor Burton

*Preparação*

Maria Fernanda Alvares

*Revisão*

Carmen T. S. Costa

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Lévi-Strauss, Claude, 1908-2009.

A outra face da Lua : escritos sobre o Japão / Claude Lévi-Strauss ; prefácio Junzo Kawada ; tradução Rosa Freire d'Aguiar. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: L'Autre Face de la lune — Écrits sur le Japon

Bibliografia

ISBN 978-85-359-2139-7

1. Etnologia — Japão 2. Japão — Civilização 3. Lévi-Strauss, Claude — Entrevistas 4. Lévi-Strauss, Claude — Viagens — Japão 1. Kawada, Junzo, 1934—. II. Título.

---

12-07397

CDD-572

Índice para catálogo sistemático:

1. Japão : Etnologia 572

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

# Sumário

*Prefácio*, 7

Lugar da cultura japonesa no mundo, 11

As culturas são por natureza incomensuráveis, 12

Os grandes temas da mitologia universal, 15

O motivo do objeto perdido, 19

“Espírito Jomon” e *action painting*, 23

Sobre a imprevisibilidade dos seres, 25

Um cartesianismo sensível, 27

Sons, cores, odores, sabores, texturas, 29

Diferenças maiores entre pensamentos oriental e ocidental, 34

A face oculta da Lua, 38

Ilusório exotismo, 40

Artes gráficas e cozinha, 45

O grito dos insetos, 48

- A lebre branca de Inaba, 52  
    O pássaro-trovão, 53  
    A grua e o crocodilo, 56
- Heródoto no mar da China, 60  
    A leste o masculino, a oeste o feminino, 61  
    Ritos de iniciação das mulheres, 63  
    O grito do príncipe mudo, 67
- Sengai. A arte de se acomodar no mundo, 72  
    Livrar-se do dualismo, 74  
    Tags e caligrafia, 81
- Domesticar a estranheza, 83
- A dança impudica de Ame no Uzume, 87  
    Uma velha mendiga, 90  
    O egípcio Seth e Susanoo, 94
- Uma Tóquio desconhecida, 97
- Entrevista a Junzo Kawada, 102
- Fontes*, 117  
*Créditos das imagens*, 119

# Lugar da cultura japonesa no mundo\*

É para mim uma imensa honra ser chamado a participar dos trabalhos do Centro Internacional de Pesquisa sobre os Estudos Japoneses, oficialmente fundado há menos de um ano. Sou profundamente sensível a isso e quero agradecer a seu diretor-geral, sr. Umehara Takeshi, bem como a todos os seus colaboradores. Mas confessarei também que o tema que me pediram para tratar, “Lugar da cultura japonesa no mundo”, me parece de uma dificuldade terrível. Por diversas razões, umas práticas, outras teóricas, tenho muito receio de decepcioná-los mostrando-me indigno da confiança que quiseram me demonstrar ao me convidar.

Razões práticas primeiro. Qualquer que seja o interesse que eu tenha pelo Japão e por sua cultura, a sedução que exercem em mim, a importância do papel que lhes reconheço no mundo, sou o primeiro consciente de que tenho de seu país um conhecimento superficial. A duração total de minhas temporadas no Japão

\* As fontes de cada capítulo que compõem este livro estão detalhadas nas pp. 117-8. (N. E.)

desde minha primeira visita em 1977 não excede uns poucos meses. Mais grave ainda, não leio nem falo sua língua; e é apenas por meio das traduções francesas e inglesas que pude — de modo um tanto fragmentário — ter acesso à sua literatura, desde a mais antiga até as obras contemporâneas. Por fim, conquanto sua arte, seu artesanato me fascinem, a maneira como os apreendo continua a ser inevitavelmente exterior: não nasci, não fui criado entre essas obras-primas; e esses objetos de uso técnico ou doméstico, só tardiamente me foi dado a conhecer seu lugar na cultura e observar seu manuseio.

#### AS CULTURAS SÃO POR NATUREZA INCOMENSURÁVEIS

A essas razões práticas somam-se outras, teóricas, que me fazem igualmente duvidar que eu possa responder à pergunta feita. Pois embora eu tivesse dedicado minha vida inteira ao estudo da cultura japonesa — o que não seria demais para falar dela com alguma competência —, como antropólogo eu ainda duvidaria que se possa objetivamente situar uma cultura, seja ela qual for, em sua relação com todas as outras. Para quem não nasceu nela, não cresceu nela, não foi educado e instruído nela, um resíduo em que se encontra a essência mais íntima da cultura permanecerá para sempre inacessível, mesmo se dominamos a língua e todos os outros meios exteriores de abordá-la. Pois as culturas são por natureza incomensuráveis. Todos os critérios aos quais poderíamos recorrer para caracterizar uma delas, ou delas provêm e são, portanto, destituídos de objetividade, ou provêm de outra cultura e por isso se encontram desqualificados. Para fazer um julgamento válido sobre o lugar da cultura japonesa (ou de qualquer outra) no mundo, seria preciso conseguir escapar à atração de qualquer cultura. Somente mediante essa condição

irrealizável poderíamos estar seguros de que o julgamento não é tributário nem da cultura submetida a exame nem de nenhuma dessas de que o observador, ele mesmo membro de uma cultura, pode consciente ou inconscientemente se afastar.

Há uma saída para esse dilema? Por sua existência mesma, a antropologia acredita que sim, já que todo o seu trabalho consiste em descrever e em analisar culturas escolhidas entre as mais diferentes daquela do observador, e em interpretá-las numa linguagem que, sem desconhecer o que oferecem de original e irredutível, permita no entanto ao leitor aproximar-se delas. Mas em que condições e a que preço? Para indicar os limites em que esbarra o antropólogo, permitam-me ilustrar com um exemplo considerações que puderam ser julgadas demasiado abstratas.

Embora o ofício que exerço me embarace para confessá-lo, sinto-me tão profundamente impregnado das formas musicais que nasceram e desabrocharam no Ocidente nos séculos XVIII e XIX que, em geral, as músicas exóticas não tocam minha sensibilidade. Dedico-lhes um interesse profissional mas raramente fico emocionado com elas. No entanto, devo abrir uma exceção para a música japonesa, ouvida tardiamente e que logo me cativou. Isso me intrigou, e tentei me instruir com especialistas para compreender as razões do encanto irresistível exercido por sua música num ouvinte não preparado. Assim, aprendi que, embora pentatônica como em outras partes do Extremo Oriente, a gama japonesa não se parece com nenhuma outra. Repousa na alternância de segundas menores e terceiras maiores, isto é, de intervalos formados respectivamente por um semitom e dois tons, com alteração possível de um tom inteiro no quinto grau. Por essa oposição aproximada entre grandes e pequenos intervalos, a gama japonesa se presta admiravelmente a traduzir os movimentos do coração. A melodia ora plangente, ora docemente melancólica, desperta no ouvinte menos familiarizado com as tradições japonesas

esse sentimento de “pungência das coisas” que constitui como um leitmotiv da literatura da época de Heian; ela lhe oferece o perfeito equivalente musical.

Porém, no instante mesmo em que o ouvinte ocidental acredita atingir o fundo da alma japonesa, revelado pela concordância de dois registros, ele comete provavelmente vários contrassensos. Por trás do que ele percebe globalmente como “música japonesa” há para os senhores diferenças marcadas de época, de gênero e de estilo. Em seguida, e sobretudo, essa música que eu escuto não é muito antiga: data, no máximo, do século XVIII; portanto, é muito posterior à literatura que creio encontrar nela. A música que o príncipe Genji tocava ou ouvia tinha provavelmente outro caráter, próxima de modos derivados da gama chinesa, embora esta, mais igual, nos pareça inapta a transmitir essa sensação de impermanência, de precariedade das coisas, de fuga inexorável do tempo...

Mas também seria possível que os conhecimentos inevitavelmente mutilados daquele que contempla de fora uma cultura, os erros grosseiros de apreciação que ele está exposto a cometer tivessem sua contrapartida. Condenado a só olhar as coisas de longe, incapaz de perceber o detalhe, o antropólogo deve talvez a essas insuficiências ter se tornado sensível a caracteres invariantes que se mantêm ou se afirmam em vários planos na cultura, e que são obscurecidos por essas próprias diferenças que lhe escapam. Ocorre com a antropologia o mesmo que com a astronomia em seu início. Nossos ancestrais contemplavam o céu noturno sem a ajuda de telescópios e sem nenhum conhecimento da cosmologia. Sob o nome de constelações, eles ali distinguiam grupos destituídos de qualquer realidade física: cada um formado por estrelas que o olho vê no mesmo plano embora estejam situadas a distâncias fantásticamente desiguais da Terra. O erro se explica pelo afastamento em que se encontra o observador de seus obje-



tos de observação. Foi graças à astronomia, porém, que muito cedo foram detectadas regularidades no movimento aparente dos corpos celestes. Durante milênios, os homens se serviram dela — e continuam a se servir — para prever o retorno das estações do ano, medir o escoamento do tempo noturno, se guiar nos oceanos. Evitemos pedir mais à antropologia; mas, na falta de algum dia conhecer uma cultura por dentro, privilégio reservado aos nativos, ela pode ao menos propor a estes uma visão de conjunto, reduzida a alguns contornos esquemáticos mas que eles, por estarem situados demasiado perto, não estariam em condições de obter.

#### OS GRANDES TEMAS DA MITOLOGIA UNIVERSAL

Comecei minha exposição por uma confissão, com a música. Permitam-me acrescentar outra, que fará, espero, compreender melhor a maneira como, na qualidade de indivíduo e de antropólogo, apreendo a cultura japonesa.

Com um intervalo de cerca de um ano, visitei em 1985, pela primeira vez, Israel e os Lugares Santos; depois, em 1986, na ilha de Kyushu, os lugares onde supostamente se passaram os acontecimentos fundadores da mais antiga mitologia dos senhores. Minha cultura, minhas origens deveriam ter me deixado mais sensível aos primeiros que aos segundos. Produziu-se exatamente o contrário. O monte Kirishima, onde desceu do céu Ninigi-no-mikoto, o *Ama-no-iwa-to-jinja* diante da gruta onde se trançou Ohirume, a deusa Amaterasu, suscitaram em mim emoções mais profundas que o local suposto do templo de Davi, a gruta de Belém, o Santo Sepulcro ou o túmulo de Lázaro.

Por que isso? Em razão, parece-me, da maneira muito diferente como os senhores e nós encaramos nossas respectivas tradi-

ções. Talvez porque sua história escrita se inicie em data relativamente tardia, os senhores a enraízam muito naturalmente em seus mitos. A passagem se opera suavemente, e com mais facilidade ainda na medida em que o estado em que lhes chegaram esses mitos atesta, por parte dos compiladores, uma intenção consciente de fazer deles um prelúdio à história propriamente dita. Sem dúvida, o Ocidente também tem seus mitos, mas há séculos se aplica em distinguir o que diz respeito aos mitos e o que diz respeito à história: só são julgados dignos de consideração os acontecimentos confirmados. Disso resulta uma consequência paradoxal. Pois se os acontecimentos consignados pela tradição são tidos como reais, também deve ser possível localizá-los. Ora, no caso dos Lugares Santos, que garantia temos de que as coisas se passaram nos lugares que nos dizem? Como poderíamos ter certeza de que a imperatriz Helena, mãe de Constantino, que no século IV foi à Palestina para identificar os Lugares Santos, não foi vítima de sua credulidade? E que, alguns séculos mais tarde, os cruzados não foram igualmente enganados? A despeito dos progressos da arqueologia, é, no entanto, a partir das afirmações deles que tudo ou quase tudo continua a se basear. Ainda que não conteste a veracidade das Escrituras, o visitante dotado de um espírito objetivo se interroga, não necessariamente sobre os acontecimentos relatados, mas sobre os locais que lhe mostram como sendo aqueles mesmos em que eles ocorreram.

Nada disso em Kyushu: ali nos banhamos numa atmosfera francamente mítica. A questão da historicidade não se impõe, ou, mais exatamente, não é pertinente nesse contexto. Sem provocar constrangimento, dois sítios podem até disputar a honra de ter acolhido em sua descida do céu o deus Ninigi-no-mikoto. Na Palestina, exige-se de lugares sem qualidade intrínseca que sejam enriquecidos pelo mito, mas somente na medida em que este pretende não ser propriamente um mito: como lugares onde alguma

coisa *realmente* aconteceu; nada, porém, certifica que foi verdadeiramente ali. Inversamente, no caso de Kyushu, são sítios de um esplendor inigualável que enriquecem os mitos, lhes acrescentam uma dimensão estética, os tornam a um tempo presentes e concretos.

Para nós, ocidentais, um abismo separa a história do mito. Em contrapartida, um dos encantos mais tocantes do Japão está no fato de que aí nos sentimos em íntima familiaridade com uma e com o outro. Ainda hoje basta contar os ônibus que despejam os visitantes nesses sítios sagrados para se convencer de que os grandes mitos fundadores, as paisagens grandiosas em que a tradição os situa mantêm entre os tempos lendários e a sensibilidade contemporânea uma continuidade vivenciada.

Ela não podia deixar de impressionar os primeiros europeus que visitaram o Japão. Já no século XVII Kaempfer dividia a história japonesa em três períodos: fabulosa, incerta, verdadeira; portanto, aí incluía o mito. E é por essa capacidade tão cedo percebida de abarcar e unificar categorias que nos parecem inconciliáveis que se pode atribuir, ao menos em parte, a consideração tida pelo Japão por viajantes e pensadores ocidentais, mesmo antes de conhecê-lo bem. Numa nota ao *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, publicado em 1755, Jean-Jacques Rousseau enumera as culturas diferentes sobre as quais não se sabe nada ou muito pouco, e as quais seria urgente ir estudar localmente. Para o hemisfério norte ele cita umas quinze nações e termina sua revista com estas palavras: “[...] e sobretudo o Japão”. Por que “sobretudo”?

Uma resposta virá um século mais tarde. Perdemos a lembrança da impressão profunda que causaram no mundo erudito europeu as coletâneas das mais antigas tradições dos senhores — o *Kojiki* e o *Nihon-shoki* — quando Tylor, pai fundador da antro-

pologia britânica, deu a conhecer suas grandes linhas em 1876,\* e quando, nos anos 1880 e 1890, apareceram as primeiras traduções inglesas e alemãs. Alguns não hesitaram em ver aí o mais fiel reflexo chegado até nós do grande mito primitivo — *Urmythus*, diziam os alemães — que, pensavam, devia ser comum na origem dos tempos à humanidade inteira.

É verdade que em estilos diferentes, mais literário para um, mais erudito para outro, o *Kojiki* e o *Nihon-shoki* encadeiam com uma arte incomparável todos os grandes temas da mitologia universal, e que essa mitologia se funde insensivelmente numa história. Assim se coloca o problema fundamental da cultura japonesa: como explicar que essa cultura, instalada na extremidade de um vasto continente, aí ocupando uma posição marginal, e que conheceu longos períodos de isolamento, possa ao mesmo tempo, em seus mais antigos textos, oferecer uma síntese perfeitamente elaborada de elementos que encontramos em outros lugares em ordem dispersa?

O problema não se limita ao Velho Mundo: encontramos nesses antigos textos muitos temas ou motivos mitológicos presentes também na América. Mas, neste ponto, impõe-se a prudência: todos esses temas comuns à América indígena e ao antigo Japão se encontram na Indonésia, e vários só são bem comprovados nessas três regiões. Pode-se excluir de saída a hipótese de uma invenção independente, de tal forma os mitos das três regiões se correspondem até nos detalhes. Portanto, devemos nos empenhar, como se fez no passado, em descobrir neles uma só origem, seja porque os mitos indonésios, ou japoneses, tenham viajado independentemente em duas direções, seja porque, partindo da

\* E. B. Taylor. “Remarks on Japanese Mythology” (contribuição lida em 28 de março de 1876), *Journal of the Royal Anthropological Institute*, vol. VII, 1877, pp. 55-8.

Indonésia, tenham primeiro alcançado o Japão e depois passado para a América? Descobertas pré-históricas recentes na prefeitura de Miyagi trouxeram à luz um conjunto de ferramentas líticas de 40 mil ou 50 mil anos de idade, vestígios de um estabelecimento humano que foi talvez, em razão de sua posição setentrional, um lugar de passagem entre o Velho e o Novo Mundo.

De fato, não esqueçamos que em vários momentos, durante as grandes glaciações e até em época recente, há cerca de 12 mil a 18 mil anos, o Japão foi unido ao continente asiático; formava então um longo promontório encurvado para o norte. Nas mesmas épocas, a Insulíndia (isto é, o conjunto de ilhas compreendidas entre Taiwan e a Austrália, de um lado, e a Nova Guiné e a península malásia, de outro) era em sua maior parte ligada à terra firme; por fim, terras emergidas com cerca de mil quilômetros de largura juntavam a Ásia e a América no lugar atual do estreito de Behring. Na borda do continente, uma espécie de bulevar terrestre permitia aos homens, aos objetos, às ideias circular livremente desde a Indonésia até o Alaska, passando pelas costas da China, da Coreia, da Manchúria, da Sibéria do Norte... Em diferentes momentos da pré-história esse vasto conjunto deve ter sido o teatro de movimentos de populações nos dois sentidos. Mais vale, portanto, desistir de procurar pontos de origem. Ao que verdadeiramente tudo indica, os mitos constituem um patrimônio comum cujos fragmentos recolhemos aqui e acolá.

## O MOTIVO DO OBJETO PERDIDO

Em que consiste então a originalidade japonesa? O exame de um episódio de sua mitologia me ajudará a melhor captá-la. Em 1986, foi-me dado contemplar, na costa oriental de Kyushu, a gruta onde, conta o mito, o menino U-gaya-fuki-aezu-no-mikoto